

FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO

As areias de Salgado

Quando o sertão virar mar e o mar virar sertão

Luiz Felipe Aranha (42010499)

Renato Castro (42111937)

Rodrigo Nelli (42110698)

Abril 2022

1. O ESTILO E O PB

Sebastião Salgado é famoso por sua fotografia em preto e branco mundialmente. Bom, ele não é o único a se utilizar do monocromático PB para fazer suas imagens. Fotógrafos de peso como Lartigue, Robert Capa, David Duncan ou até mais novos como Alan Schaller, ou uma infinidade de outros, também fazem uso da técnica e a tomam como marca.

A fotografia PB para os mais antigos tinha muita influência do fotojornalismo. O fotógrafo tirava sua foto para o jornal, como o próprio Sebastião fez por algum tempo. No jornal, o PB se justificava com obviedade, mas Sebastião usa do preto e branco com a intenção de não dar elementos de distração para o espectador, que possam fazê-lo distrair-se.

O estilo de Sebastião está muito ligado ao tema que ele explora. Formado em economia e com doutorado na França também na área, é clara a influência no olhar do fotógrafo que o estudo sobre o tema trouxe. As fotografias de Sebastião carregam além de características sociais, antropológicas. Em um mundo governado pelo sistema capitalista, aqueles que dele não fazem parte, ou nele atuam de forma indireta, sofrem uma série de consequências de padrões e costumes muito fortes.

Ele visa em suas fotos um olhar e um retrato de reverberações econômicas na vida das pessoas. Muitos de seus trabalhos são feitos com sociedades mais tribais, mas ele não se limita a apenas isso. O que se busca de modo geral nas fotografias do mineiro é o peso. Esse estilo então de preto e branco, somado a outros fatores estilísticos que serão tratados logo mais, e os cenários retratados são vitais para a criação dessas força criada pelas experiências humanas.

2. FATORES TÉCNICOS E ESTÉTICOS

Considerando que a fotografia de Sebastião sobretudo atua visando uma condensação, um peso, uma característica de suas fotos que se soma muito bem ao PB, é o alto contraste e o uso da latitude nos diferentes graus de cinza. Suas fotos não se usam de cores alguma. São o preto e branco mais virgem.



Nessa primeira foto, as pessoas organizadas de forma ampla, ajudam a destacar os diferentes planos, criando mais profundidade para a imagem. A

luz, tendo seus fachos ressaltados pela fumaça ou pó presentes no ar, recortam as pessoas, atuando como contraluz e criam textura e volume para as imagens, uma vez gerando essa relação entre os pontos da



fumaça, que por sua característica de interação com a luz, deixam a área em que está mais lavada, atuando como um preenchimento das sombras, enquanto os espaços sem fumaça ficam mais densos e enterrados.



O contraluz sempre foi vital na fotografia preto e branco, e nesse quadro amplo, ele é o que dá vida à imagem.

A árvore, como elemento central, parece estabilizar toda a composição, uma vez que ela é cercada tanto pelas pessoas, quanto pelos fachos de luz, parece ser o grande assunto da imagem. A união dessa população com a natureza é clara e enfatizada pelas escolhas do fotógrafo.



O que chama a atenção ao olhar a primeira vez a imagem, é definitivamente a criança em primeiro plano. Aparentemente desnutrida e cansada, você rapidamente se coloca no lugar dela, com sua dor e sentimento de perda, uma vez que ela aparenta não ter um lar.

A composição e organização dos elementos aqui, contam uma história. Essa fotografia tem muitas e muitas camadas. Em primeiro plano vemos a criança. Depois, em segundo, outra criança acompanhada de um adulto. Em terceiro, uma pessoa olhando para trás, e em quarto, uma montanha.

A montanha ao fundo gera um forte contraste com a criança em primeiro plano. As sombras na criança são pesadas e escuras, e quando colocadas em contraste com a montanha, pela perspectiva espacial, a percebemos lavada. Deciframos a distância das coisas por caráter de sobreposição, perspectiva (tamanho das coisas) e por mais alguns indícios, mas um deles também é a cor e densidade das coisas, que pela atmosfera ganham outras características, uma vez que tanto as cores ficam mais azuladas, quanto mais lavadas.

Sabemos pela densidade do preto da montanha que ela está longe. Muito Longe. Há uma vastidão entre essas pessoas e essa montanha. A pessoa em 3º plano, olha para trás, para o passado. Ela estagnou, ficou para trás, e parece não conseguir continuar a lutar. Essas pessoas, esse menino, cruzaram essa imensidão, e temos em suas expressões toda sua trajetória estampada.

A foto além de sua característica narrativa e simbólica, ganha destaque pela qualidade técnica. A utilização impecável dos diferentes planos da imagem, o sol lateral, dando volume às pessoas e criando texturas em seus tecidos das roupas, a abrangência de cinzas, desde o céu até as próprias

roupas, e o fundamental contraste entre a criança e a montanha, entre o passado e o presente. Não vemos o futuro na foto, ela deixa para pensarmos. O que vai acontecer com essa criança sem lar, sem rumo, perdida nessa vastidão?



Gabriel Figueroa

Por alguns motivos, um deles sendo evidentemente a roupa, a foto de Sebastião me lembra desse quadro feito por Gabriel Figueroa no filme “A Pérola”. Acho que pode ser pelo cenário arenoso, pela composição e relação entre as pessoas nos planos da imagem e pelo sol lateral.

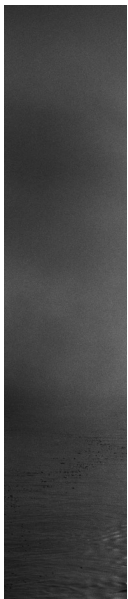


Nessa foto temos novos elementos para observar. Há muitos estímulos dado pela textura e contraste das plantas. De novo nos deparamos com um sol que atua como contraluz que além de atuar nas pessoas, atua nas plantas, sendo a luz chave para criar essa textura.. Em um tronco caído, pessoas se sentam uma ao lado da outra. O tronco organiza as pessoas, e atua como uma espécie de linha de fuga, que coloca as pessoas em diferentes planos da imagem, dando então a profundidade.

É um retrato de um aparente cotidiano indígena e os pontos de luz brilhantes, talvez criados com um glimmerglass, criam uma sensação de paz e lembrança.



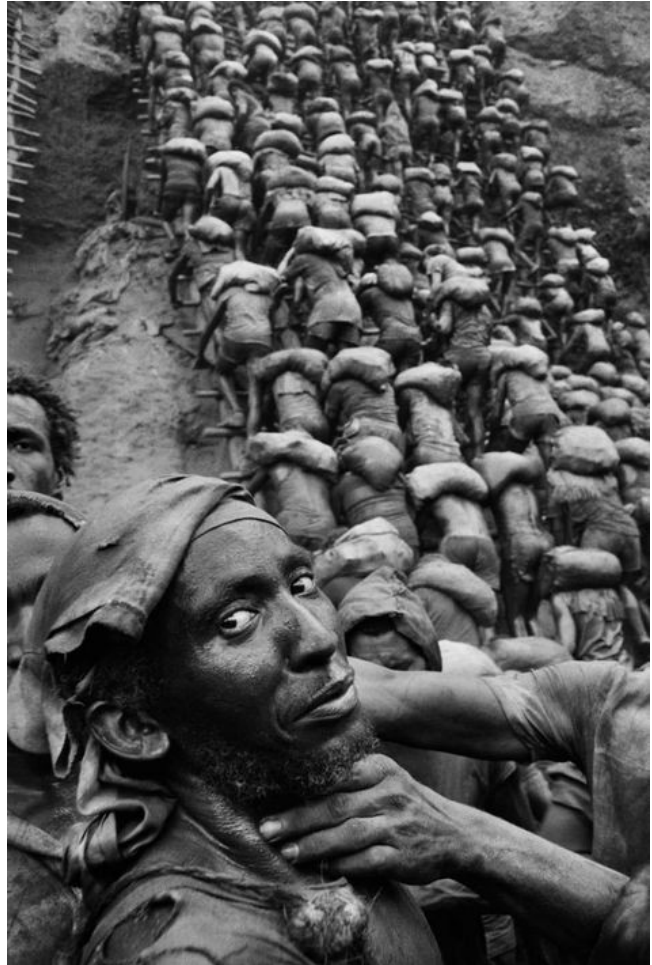
Percebemos aqui que Sebastião Salgado gosta de fumaça. Na foto acima, o que mais chama atenção são os homens nos barcos em silhuetas. Mais uma vez Sebastião divide e separa os planos a partir agora da distribuição dos barcos. Outra beleza da imagem é a divisão do quadro pelos elementos paralelos, que cruzam a imagem horizontalmente. Temos a água, a fumaça, a vegetação e o céu, Todos com sua densidade de cinza, criando um bonito contraste de camadas. É interessante ver como essas quatro camadas vão se fundindo, uma vez que na extrema esquerda do quadro, acabam por se tornar um mesmo “borrão” cinza. A água, o ar, a terra e o céu tudo se torna um mesmo, e os pescadores, os homens se encaminham para esse lugar, “tornar-se parte da vida”. Eles navegam de um mundo com divisões e camadas, para um mundo de homogeneidade e vastidão. É assim que o campo visual da foto agrega no campo simbólico.



Na foto ao lado, vemos uma imagem um pouco diferente das apresentadas até então. Além de ela ter sido tirada verticalmente, aqui acredito que se faz um de uma lente com uma milimetragem um pouco menor. Sebastião tira suas fotos com lentes normais, mas o uso de uma um pouco mais grande angular, torna possível o agrupamento dos diferentes planos da imagem.

Em primeiro plano, então, vemos um homem a olhar para a câmera. Apesar das dezenas de homens retratados, ele é definitivamente o centro. É o único homem que conseguimos ver com clareza o rosto.

Ao fundo, há uma variedade de homens enfileirados devido às escadas da mina. Homens sem rosto, sem identidade, sem nome. A distinção feita aqui é forte, uma vez que esse, apenas mais um dos milhares de homens que devem trabalhar nessa mina, ganhou um rosto, uma alma, uma vida. Essa foto é um grito em busca de dizer “somos pessoas, não um rebanho e nem engrenagens”. O rosto aqui é o centro, é a humanização desses homens.



O jogo de padrão e camadas dado pelos homens nas escadas mais uma vez é muito bem utilizado tanto no campo simbólico, quanto no jogo de composição. Não enxergamos o final da escada, e ela se mostra infinita, dando uma profundidade (em questão visual) para a imagem. Aqui se mostra então a importância da lente mais aberta, uma vez que se fosse com uma tele, tudo teria mudado. Não teríamos essa dimensão e apenas os planos distantes conseguiriam ser condensados pela imagem.



Na foto acima, o indígena em primeiro plano está a abrir seus braços, evocando uma sensação de expansão. Logo atrás, vê-se um rio, que uma vez tendo o olhar de dentro da água do rio, conseguimos enxergar seu trajeto. Esse, que guia a imagem como uma linha de fuga, dando então além de profundidade, um contraste com a mata fechada que acaba por cercar o córrego.

Acho interessante o diálogo entre o movimento do indígena em primeiro plano, junto com a pressão, que a densa mata faz sobre o pequeno fio d'água. O homem parece estar colocando e organizando as interações dos elementos da natureza. Ele faz parte desse sistema e atua sobre ele promovendo um equilíbrio.

Delato aqui uma repetição de uma ideia que acabei gostando. Ao olhar para o ponto mais profundo da imagem, o ponto mais distante do rio, vemos a natureza a se misturar. A água, junto das duas margens, acabam por se tornar um “borrão” cinza. É interessante isso aqui também, uma vez que a gente fica com uma mata do lado direito do quadro, outra do lado esquerdo, e o rio, rasgando e penetrando essa mata. O formato pontiagudo do rio, como uma flecha, devido a sua perspectiva ajuda a passar a sensação da penetração. Sem contar que divide muito bem a imagem.



3. A CRIAÇÃO DA IMAGEM



